

Experiência estética como episteme semiótica nos filmes pretos¹

Irene de Araújo Machado²

Universidade de São Paulo

Resumo

Estudo que tem por objetivo examinar a composição estética dos filmes pretos como singularidade epistêmica do cinema negro a partir da revisão da semioticidade de atribuições históricas tal como a noção de apagamento e subumanidade. Orienta-se pelos estudos de semiótica da cultura sobre as forças históricas formadas nos subterrâneos das ações heróicas. Problematisa o papel coadjuvante atribuído às pessoas pretas afrodiáspóricas escravizadas, valorizando contra-discursos e contra-espacos e questionando o legado das hegemonias históricas. Por meio da composição estética da imagem audiovisual emergem singularidades do repertório sensorial das memórias encarnadas que fabulam e reconstroem imaginários de uma história que falta. Conclui-se que as estesias dos corpos pretos com a singularidade da composição audiovisual introduzem uma nova episteme para os estudos de cinema.

Palavras-chave

estesia; cinema negro; semiose; contra-discurso; contra-espaco

Introdução: Semiolicidade dos filmes pretos

O objeto de estudo do presente trabalho não consta das historiografias de cinema e, por conseguinte, não conjuga abordagens capazes de constituir-se como teoria. Nunca foi considerado no debate sobre a ontologia da imagem fotográfica, muito embora desafie o estatuto da lógica da luz branca que determinou o padrão de calibragem para o ato de fotografar.

Não obstante o legado de negativas, o chamado cinema negro reúne produções transcontinentais valendo-se tão-somente das memórias que descendentes de povos afrodiáspóricos carregam em seus corpos e imaginários, capazes de fabular a história que lhes foi sequestrada. Assim, corpos de pessoas pretas se colocam diante e atrás das câmeras falam e enunciam seu próprio discurso como sujeitos históricos. Ao preencherem o quadro com suas histórias de vida, as pessoas que falam contam suas histórias ou

¹ Trabalho submetido ao GP Semiótica da Comunicação do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, GP 29 Semiótica da Comunicação.

² Professora Titular do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; Pesquisadora PQ A de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

compartilham suas demandas costurando cenas de uma história sócio-cultural ignorada, massacrada e, quando muito, apropriada com objetivos escusos.

Nesse sentido, a diversidade de cinemas negros, “[...] apesar de serem produtos culturais com traços idiossincráticos marcados, são também objetos estéticos e semióticos. São textos que podem ser usados, lidos, estudados, reapropriados pelos diversos públicos cinematográficos com vista nos seus particularismos culturais ou atentando para suas ousadias formais.” (Bamba; Meleiro, 2012, p. 9). E é como objeto estético com considerável potencial de semioticidade que o presente estudo se voltou para a investigação dos filmes pretos produzidos por diferentes cinematografias. Problematicar o campo das significações estabelecidas social e historicamente pela cultura ocidental eurocêntrica questiona a autodeclaração de universalidade que deixou à deriva todas as demais culturas de outras tradições e civilizações, ignorando suas crenças, práticas e criações artísticas e culturais.

Trataremos aqui da face menos evidente de nosso objeto: as qualidades dos filmes pretos na singularidade das culturas negras que situam o corpo como potência existencial integrada ao emaranhado de sensibilidades que conectam o mundo do vivo, tal como formulado nos termos gregos “*bios*”, que abarca todas as formas e modos de vida em processo, e “*zoé*”, que celebra a força vital da vida espiritual. Qualidades que se materializam na composição estética em sua manifestação estésica cuja singularidade se apresenta como uma nova episteme para o estudo de cinema.

Nosso trabalho se volta, portanto, para as experiências estésicas dos experimentos nos filmes pretos que oferecem os cinemas negros como um cinema de invenção e, por conseguinte, entende a experiência estésica como problema de uma potencial episteme investigativa. Ao colocar em xeque significados historicamente consolidados, evoca uma cadeia de significações abafadas – os palimpsestos de nossa história, como examinamos em outro estudo – deixando espaço livre para emergir a semiose no espaço da semiosfera da cultura negra nascida sob o signo das travessias afro-atlânticas.

Para isso a investigação semiótica do cinema negro se desenvolve no campo dos estudos históricos e da semiosfera segundo a qual os fatos históricos não passam de interpretações, até mesmo daqueles que correm nos subterrâneos dos acontecimentos gloriosos e os sustentam. Tal foi o entendimento de Iúri Lotman (1990) nos seus estudos sobre ciência da história focada nas imprevisibilidades e na porosidade dos fatos históricos que permitem, não sem um grande investimento, alcançar brechas de

pontilhamentos que abrem para fatos históricos como “matéria viva que se auto-desenvolve” (Lotman, 1998, p. 252). Em momentos que tais, novas interpretações tensionam fatos históricos consagrados como únicos verdadeiros. No contexto de nossos estudos do cinema negro, trata-se de recuperar a história de povos afrodiáspóricos e também os indígenas que foram ultrajados sendo lembrados, quando muito, como coadjuvantes da construção dos impérios coloniais, em nosso caso, americano. Colonizadores que escravizaram povos pretos da África agiram, desse modo, “como se a história das instituições sociais, da luta das forças sociais, das correntes ideológicas, houvesse abolido a história dos homens, relegando-os ao papel de figurantes no drama universal da humanidade” (Lotman, 1998, p. 247).

Filmes emblemáticos desta abordagem foram dirigidos por Zózimo Bulbul (1937-2013), considerado o pai do cinema negro no Brasil. Dois de seus filmes estão na base de nosso estudo sobre estesia semiótica nos cinemas negros: *Alma no Olho* (1973) e *Pequena África* (2002). Em ambos a história dos povos pretos é construída a partir do embate de contra-discursos e contra-espacos. Em um, o corpo nu registra a história de seu povo com fabulações corporais; em outro, as histórias das pessoas pretas ecoam nas vozes de pessoas que retiram das pedras e das construções locais as histórias e memórias da escravidão, embalados por sons de músicas contemporâneas de ancestralidades. Nem a pele que cobre a carne, nem as pedras que cobrem o chão conseguiram apagar as memórias que estão entranhadas em suas ranhuras.

Referências

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia: um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas** (Florianópolis), 16(3): 424, 2008.

BAMBA, Mahomed; MELEIRO, Alessandra. Introdução. **Filmes da África e da diáspora**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CARVALHO, Noel dos Santos (org.). **Cinema negro brasileiro**. Campinas: Papirus, 2022.

FREITAS, Kenia; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afro pessimismo: as distopias do presente. **Imagofagia**, nº 17, 2018.

GUIMARÃES, César. A experiência estética e a vida ordinária. **E-COMPÓS** (Brasília), n.1, p.1-13, 2004.

GATES, R. J.; GILLESPIE, M. B. Reivindicando os Estudos de Filme e Mídia Pretos. **Film Quarterly**, v. 72, n. 3, p. 13-15, 2019.

HARTMAN, S. Vênus em dois atos. **Eco Pós** (Rio de Janeiro), v. 23, n. 3, p.12-3, 2020..

LOTMAN, Yuri. **Universe of the Mind**. Bloomington: University of Indiana Press, 1990.

MACHADO, Irene A. Modelização semiótica do espaço quilombo. **Comunicação & Educação** (São Paulo), v. XXIX, p. 197-217, 2024.

MACHADO, Irene A. Ontologia das vidas pretas em ensaios audiovisuais. **MATRIZES** (São Paulo) v. 19, n. 1, p. 79-101, 2025.

MACHADO, Irene A. Palimpsestos da racialidade nas mal traçadas linhas de nossa história. **E-COMPÓS** (Brasília), v.26, p.1 - 19, 2023.

MARKS, L. **The Skin of Film: Intercultural Cinema, embodiment, and the senses**. Durham; Londres: University of Toronto Press, 2000.

MIGNOLO, Walter; VAZQUEZ, Rolando. Decolonial AestheSis: Colonial Wounds/Decolonial Healings. **Social Texts**, 30(4), 1–8, available at: < https://socialtextjournal.org/periscope_article/decolonial-aestheSis-colonial-woundsdecolonial-healings/ >.

NASCIMENTO, Beatriz. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Org. Alex Ratz. São Paulo: UBU, 2022.

PICADO, Benjamin (org.). **Escritos sobre comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: PPGCOM-UDUFMG, 20019.